2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 29. QUINTA FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PRIMOR DE ESCULPTURA.

450 Todos os nacionaes e estrangeiros, que visitaram a Exposição da Industria Nacional, se recordarão das primorosas esculpturas em marfim, vindas de Braga, e feitas pelo Sr. Manuel José Vieira. Em toda a parte do mundo seria considerado, como grande artista, o auctor daquelle edificante Crucifixo, e daquella Santa Philomena, tão bem adivinhada pela inspiração do esculptor. Em Portugal vive desconhecido na solidão de uma provincia.

Como seja um dos mais altos deveres da imprensa o levar, até á posteridade, os nomes e obras dos talentos raros, que nascendo entre o povo, elevam, só por esforço proprio, o sceptro da arte acima de todas as grandezas do mundo, nós, para que mais se conheça o insigne artista bracharense, só discipulo do seu genio e estudo, aproveitamos a chegada a Lisboa de uma das suas ultimas obras para a podermos expor á admiração dos que prezam e comprehendem as Bellas-Artes. A esculptura, a que nos referimos, é um grupo de dois palmos de alto, trabalhado em páu, e representando S. Francisco aos pés de Jesu Christo Crucificado. A harmonia desta composição é para admirar. Um pobre monge abraçando os pés do Redemptor, resume, pela angelica e mansa expressão do gesto, todo o magestoso poema da fé. Pelo que respeita á parte plastica, o bem apalpado das fórmas, que se admira na figura bem estudada do Redemptor, é perfeitamente egualado pelos panejamentos do habito do Santo, que mais parece tecido pregado no páu do que relêvo erguido pelo ferro na propria madeira.

O interesse, que anima a nossa penna, em favor do futuro da nossa terra, nos faz registar com prazer todas as suas glorias.

Consta-nos, que o Sr. Manuel José Vieira, vae brevemente chegar a Lisboa: — o seu elogio são as suas obras, a sua vida esquecida e obscura, e o estudo que engrandeceu esse facho do genio, que Deus faz brilhar, tanto nas cabeças coroadas como nas que se ennobrecem pelas fadigas do trabalho.

Nos dias 25, 26 e 27, a esculptura de que damos noticia, póde ser vista em o nosso Escriptorio, desde as 9 horas e meia da manhã até ás 3 da tarde.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

BREVES REFLEXÕES SOBRE O FOLHETO DO SR. F. FOLQUE, QUE TEM POR TITULO—TRABALHOS GEODESICOS E TOPOGRAPHICOS DO REINO.

451 Appareceu ultimamente um folheto escripto pelo Sr. Conselheiro F. Folque, o qual referindo-se a um paragrafo do artigo que publiquei na REVISTA n.º 26 de 21 de Fevereiro proximo, com o fim de fazer conhecer os preciosos trabalhos da exploração geologica, mineralogica, geographica e estatistica, dirigidos por M. Charles Bonnet na provincia do Alemtejo, para cujo bom exito tenho tomado o mais vivo interesse afrontando inesperadas rivalidades, que por vezes me tem feito arrepender do meu inconsiderado zelo, e pelas quaes o mesmo Sr. Bonnet já teria desistido do seu proposito, se não fôra a mui decidida e illustrada protecção de SS. MM., do Governo e Corpo Legislativo, para a sua continuação; S. Ex.ª dando a mais forçada interpretação ao meu pensamento me accusa formalmente de deprimir a importancia dos trabalhos da benemerita Commissão encarregada da Carta geodesica do reino, invertendo completamente as minhas

intenções para fazer acreditar que reputo inutil e perdida toda a despesa que para tão util fim se empregar; mas como não tenho a felicidade de possuir e manejar a pungente e desabrida linguagem que S. Ex.ª empregou no seu folheto, a qual nunca poderei imitar, quero por isso renunciar a qualquer ulterior discussão a similhante respeito, atendendo á desigualdade de nossas armas, devendo talvez atribuir áquelle meu defeito a falsa intelligencia que o mesmo Sr. dera ao sentido do inofensivo paragrapho. Com tudo não posso deixar de notar que S. Ex.ª se esquecesse tão repentinamente das provas que sempre lhe havia dado da minha consideração e amisade, até perante a illustre corporação de que somos consocios; provas authenticas e escriptas que manifestavam a mais decidida approvação aos seus importantes trabalhos geodesicos e o dezejo da sua continuação; e que presentemente queira qualificarme de hotentote, atribuindo gratuitamente a occultas e ignobeis intenções o dezejo de menoscabar e annular a importancia dos trabalhos da Commissão que dirige, intenções sinistras e absurdas que me lisongeio ninguem acreditará.

Todo o leitor imparcial só divisará no citado paragrapho sentimentos de consideração e apreço aos serviços do Sr. Folque, e á importancia dos trabalhos de que se acha encarregado, sendo evidente que os factos que mencionava apenas poderiam tender a manifestar receios de que a illustre commissão geodesica deliberando-se a dividir os escassos recursos que lhe são concedidos para conseguir ao mesmo tempo o levantamento da Carta geodesica e a confecção dos trabalhos de planimetria, ou configuração do terreno em tão larga escala com o fim de coadjuvar a grande operação do cadastro parcellar, tomava sobre seus hombros uma empresa de tal magnitude, e tão desproporcionada aos seus meios, que lhe não seria possivel conseguir com a brevidade que todos desejam o grande trabalho geodesico cuja importancia ninguem contestou.

S. Ex.ª afastando-se desta questão puramente de conveniencia ou preferencia dos dois trabalhos que poderia offerecer larga margem a uma discussão scientifica que convinha tratar com a imparcialidade e placidez exigida pela nossa commum posição, se dirige irado a deprimir acremente os meus antigos trabalhos e serviços, não escapando a Carta Hydrographica de Portugal que ha mais de 40 annos tem servido e guiado as derrotas da maior parte das embarcações que demandão as costas deste reino, e que mereceu a distincção de ser adoptada pelos almirantados de Inglaterra e França, reproduzida e gravada por ordem de seus respectivos governos os quaes me honraram com as mais lisongeiras provas de sua satisfação, e que estiveram a ponto de me ser bem fataes pela declaração feita no relatorio do almirante Roussin quando forçou a entrada do porto de Lisboa, mencionando a exactidão da minha Carta e Roteiro; mas apesar de tão honrosos testimunhos muito estimarei que S. Ex.ª a substitua por outra mais digna de nossos tempos, no que fará um grande serviço á navegação em geral, pois que todas as nações frequentam as costas de Portugal; porém seja-me licito lembrar-lhe que os pequenos serviços que tenho prestado neste genero de trabalhos foram espontaneos e gratuitos, e que jámais recebi por elles remunerações pecuniarias ou honorificas, excitado somente pelo desejo de ser util, tributando constantemente a mais sincera admiração ao merecimento alheio, pelo que julgava ter adquirido direito a merecer consideração e justiça.

Uma grave e mui injusta arguição me faz o Sr. Folque, quando parece acreditar que eu lhe occultara alguns elementos de triangulos de 2.ª ordem obtidos no Alemtéjo pelo meu illustre amigo o benemerito general Caula. É sem duvida ao mesmo funesto esquecimento de nossas antigas relações, que se deve attribuir a equivocação do mesmo Sr., olvidando a franqueza com que lhe entreguei um caderno, que continha todas as observações feitas pela antiga Commissão, e que eu havia copiado do original pertencente ao mesmo defunto general, quando ainda servia no Corpo da Armada Real, e que não obstante ser minha propriedade, nem por isso deixei de lhe confiar, para que o copiasse, cujas observações na verdade nada serviriam para os trabalhos de S. Ex.ª, pois que lhe não poderiam merecer maior confiança das que foram publicadas pelo Doutor Ciera na sua carta de triangulação; mas que para o nosso trabalho da carta provisoria daquella provincia, que deve acompanhar a memoria de M. Bonnet, são sufficientes. As cartas e planos existentes no Archivo Militar foram sempre notadas no respectivo catalogo, do qual existe cópia na Secretaria da Guerra, e que estava á disposição do Commandante Geral do Corpo de Engenheiros, como Director do mesmo Archivo; e se alguns houvesse que podessem interessar ao Sr. Folque não foi culpa minha se deixou de os reclamar, pois tinha toda a facilidade e direito de examinar o dito catalogo, que estava a todos patente no mesmo Archivo, e que o podia reclamar para a Secretaria do Corpo dos Engenheiros de que seu illustre pai foi chefe até ao dia do seu fallecimento, pelo que todas as circumstancias se combinavam para que o Sr. Folque tivesse perfeito conhecimento do que alli existia, e que não só por dever, mas tambem com a melhor vontade lhe teria sido entregue ao menor aceno de seus desejos.

Não responderei ás ironicas censuras que S. Ex.ª dirige aos trabalhos de geographia physica executados por M. Bonnet, fazendo presentir a inutilidade do extenso nivellamento barometrico executado por aquelle distincto geologo nas provincias do Algarve e Alemtejo, do qual resultou ter determinado as alturas sobre o nivel do mar de 600 pontos das suas mais elevadas serras, ou importantes povoações, com uma aproximação que se não affastará de um a dois centesimos das verdadeiras alturas; mas apezar do desfavor com que S. Ex.ª os considera cumpre-me lembrar-lhe que sabios de grande fama como Mirbell, Beautemps Beaupré, Dumeril, Geoffroy Saint-Hilaire, Elie de Beaumont, e Arago, relator, lhe deram o maior apreço na analyse offerecida ao Instituto sobre a importante viagem executada em 1839, na Abyssinia, pelos capitães do Estado-Maior Gallinier e Ferret. — Estes distinctos officiaes obtiveram os mais satisfactorios resultados pelo nivellamento barometrico executado por estações successivas naquella vasta região.

Não terminarei estas breves reflexões sem notar a singular contradicção do Sr. Folque, o qual depois

de haver deprimido com tanta acrimonia os meus trabalhos e intenções, me concede a honra de exercer influencia sobre as decisões dos Corpos Legislativos, que rendo-me até fazer responsavel pelas deliberações que por ventura possam tomar a respeito da verba de despeza para a Carta geodesica. Não me é possivel acceitar tão grande distincção por inverosimil, e por isso cumpre-me declarar-lhe que se alli tivesse cabimento essa supposta influencia eu a empregaria para advogar a necessidade urgente, e o proveito de se continuarem os trabalhos geodesicos. São estas as occultas e sinistras intenções que encerra o artigo tão mal nterpretado pelo Sr. Folque.

Lisboa 9 de Abril de 1850.

M. M. FRANZINI.

NOVA TINTA PARA PENNAS D'AÇO.

O professor F. Runge escreveu no *Technologiste* o seguinte:

452 «Por muito tempo fiz experiencias para achar um liquido bem preto, que não deixasse bôrras, que fortemente adherisse ao papel, que não se alterasse com os acidos, e (o que me pareceu mais importante) que não tivesse acção corrosiva nas pennas metallicas.

Finalmente achei uma composição deste genero, perfeitamente simples, e que tão sómente consiste em pau de campéche, chromato de potassa e agua, e não contém vinagre, nem gommas, nem vitriolo de ferro ou de cobre, e muito menos noz de galha. Portanto, o seu preço é diminuto e para a preparar basta o seguinte:

500 litros de decocção de pau de campéche.....	$353\frac{1}{2}$ canadas.
0,5 kilogrammos de chromato amarello de potassa	1 e $\frac{0}{100}$ arratel.

Faz-se o cosimento do pau de campéche na proporção de 10 para 80, isto é, ferve-se o lenho n'uma quantidade de agua sufficiente para com 10 kilogrammos delle obter-se 80 litros da decocção; a esta se ajunta, depois de ter esfriado, o sal de chrome, e mexe-se com força. Ahi fica prompta a tinta, que póde logo servir. Qualquer addição de gommas é prejudicial.

Admirará talvez que uma quantidade tão tenue de sal de chrome possa transformar n'um liquido *atramentario* (vitriolico) uma decocção de campéche proporcionalmente tão forte. Mas o facto é real; e convém até limitar á proporção de $\frac{1}{2}$ para 500, porque se fôr mais carregada a porção de chromato destruiria a materia corante; ao contrario, na proporção indicada, forma-se com o elemento corante amarello do campéche um azul-preto, que nella não existe, como o gallate d'oxydo de ferro na tinta ordinaria, no estado fluctuante, mas bem dissolvido, e por consequencia não pode deixar sedimento nesta tinta.

Esta composição tem mais outras vantagens. Um papel escripto com esta tinta pode lavar-se com uma esponja, ou ficar 24 horas n'agua, sem que a tinta alastre ou se altere de modo algum. Os acidos diluido n'agua não a destroem nem lhe mudam a côr, ao passo que a tinta de galha desapparece, e a preparada com o campéche e o vitriolo faz-se rôxa.

As pennas d'aço novas são recamadas de uma substancia sebacea, que impede a tinta lhe pegue bem, é preciso despoja-las dessa substancia, humedecendo-as com alguma saliva e passando-as depois por agua. Com uma cenrada de cinza de lenha se desembaraçam ainda melhor da camada gordurenta. Usando-se da nova tinta é essencial a limpeza, aliás não se poderá escrever. — Ha dois annos que com ella escrevo, e as minhas pennas d'aço não tem soffrido deterioração; por quanto ella não deixa formar a ferrugem, e as pennas tendo servido longamente não tem outra avaria mais que o consumo do uso.

É desnecessario d'ora ávante recorrer como alguem propoz, ás pennas de orichalco ou de iridium, para escrever documentos importantes, diplomas &.ª, que exigem uma escripta sempre egual. Com a minha tinta a penna d'aço é sem comparação muito mais immutavel do que já mais o foi ou pode ser a penna d'ave.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XIX

O Medico de sua Alteza.

453 Na tarde do seguinte dia, a Calcanhares estava só, chorando sem descontinuar um instante, abatida, quasi sem sentidos e sem alento, no camarim em que na vespera estivera com o seu amante, quando o passo lento e arrastado de Fr. Pedro de Sousa a fez tornar em si, e levantar a cabeça pezada e dolorida das almofadas, em que antes se occultava do que descançava.

A pallidez daquelle rosto, ainda na vespera tão vivo e radioso, era como se um mal longo e incuravel a tivera espalhada sobre tão grande formosura, para annunciar que a morte a destruiria em breve. Nos cabellos de Margarida havia perolas e diamantes, os seus vestidos eram preciosos e formosamente talhados; mas taes gallas e ornatos mais pareciam esquecidos alli pelo abatimento de uma intensa dôr, do que dispostos pelos conselhos de feminil vaidade. Tudo estava amarrotado e em desalinho, e as lagrimas tinham quebrado e amassado as rendas de oiro que lhe cobriam o seio. Nunca esculptor ou pintor concebeu mais bella, mais triste, mais sublime a imagem da dôr, do que ao vivo a

representava esta abatida e maguada mulher. A Magdalena de Canova não é tão formosa; a sua fronte descaida, os seus olhos meio-cerrados não mostram tão patheticamente a angustia de um coração dilacerado pela dôr, como a manifestava a fronte pallida e os olhos anuviados pelo pranto da desventurada Margarida.

— Que novas me traz, Fr. Pedro? — perguntou ella, apenas o frade se aproximou do sofá, em que estava recostada.

— Boas novas, filha — respondeu o confessor d'El-Rei: — Antonio do Prado, não tarda ahi...

— E será possivel eu vel-o.... entrar no Corte-Real...

— É para esse fim que eu pedi ao medico de Sua Alteza, a Antonio do Prado, que viesse fallar-nos. O Conde recommenda-te só, segredo... cautella...

— O Sr. Conde e V. R., não fazem, não podem fazer idéa do que já hoje padeci, sem me queixar! El-Rei mandou-me chamar a Alcantara esta manhã, Fr. Pedro...

— Bem sei...

— E eu fui, e tive forças para esconder a minha dôr, para não chorar... para me cobrir com estas pedras e estes vestidos...

— Fallaste a El-Rei, na questão do Infante, e Sua Magestade...

— Não sei em que lhe fallei, o que lhe disse... El-Rei estava... era para mim um martirio vel-o, ouvil-o...

— Pobre Margarida! Deus ha de abençoar os teus esforços a favor deste reino, que é delle; e pagar-te-ha no céu...

— Menti, menti hoje a Sua Magestade; ha uns poucos de annos que lhe minto... que finjo por elle um sentimento que não tenho. É um crime simular, e sobre tudo simular o peccado...

— Os fins, Margarida, justificam tudo — disse o frade com emoção. — Deus sabe pesar as intenções, e têl-as em conta. Fizeste hoje um grande bem a este reino, a todos nós; restabeleceste talvez a paz entre os principes. El-Rei está quasi resolvido a ceder ás exigencias de Sua Alteza, e a dar-lhe gentis-homens para o servirem.

— Permitta Deus que assim seja!

— O Conde dar-te-ha o premio, que merece tão grande dedicação.

— Nada póde pagar as angustias, e os tormentos que eu padeci nas horas em que estive com D. Affonso. V. R. não sabe o que é este martirio da mulher, que sorri e affaga um homem, tendo o pensamento e o coração em outro homem; sabendo que esse que ella ama, geme na dôr, agonisa talvez... amaldiçoando-a, e despresando-a. Ai! que desgraça e que infinita desdita a minha! O premio que eu desejo, o que quero é acabar em paz, na obscuridade de um convento, esta vida principiada na orfandade e no desamparo.

O rumor de passos de homem na sala proxima interrompeu as doloridas queixas da Calcanhares. Fr. Pedro aproximou-se da porta do camarim para saber quem era, e exclamou, vendo Antonio do Prado:

— Ora finalmente, Sr. Licenciado, finalmente chegou!

— Não pude vir mais cedo, Fr. Pedro; demorei-me n'uma junta com o licenciado Antonio Ferreira, á cabeceira do nosso doente.

Estas ultimas palavras foram ditas pelo medico de Sua Alteza, quando já tinha transposto a porta do camarim. O licenciado Antonio do Prado era um homem alto, gordo, e de pescoço extraordinariamente curto; a sua enorme cabeça, dava ares da cabeça de um elephante, e era coberta de uma vasta grenha de cabellos grisalhos, que na desordem e má disposição se podia comparar a uma choça de pastores. Vestidos todos negros davam a este homem singular, um aspecto lugubre e tristonho, que augmentava a gravidade de pedante que transparecia nos seus mais insignificantes movimentos.

— Como está elle? Francisco d'Albuquerque ainda não está livre de perigo? — perguntou a Calcanhares, pondo-se de pé e indo ao encontro do licenciado.

— Tem o cirurgião, segundo diz Galeno, por lei obrigatoria — respondeu este com ar doutoral — conhecer a enfermidade, o membro em que está, e finalmente saber o modo como os doutores a mandam curar, antes de aventar uma opinião. *Necessarium est, quod ubi maius imminet periculum, cuntius, et longius est agendum.*

— Ha esperança?..

— Dizia eu pois — proseguiu Antonio do Prado sentando-se. — Permita-me V. R. que me sente, porque venho cançado do caminho. Dizia eu, que a primeira coisa que se deve conhecer é a enfermidade: *Non est possibile morbum curare, nisi prius ejus naturam noveris*: depois é indispensavel conhecer o logar, *locus*

affectus. È isto mesmo que eu dizia ha pouco ao meu companheiro o Licenciado Antonio Ferreira, e no que elle concordou... — Talvez porque receava, que eu o esmagasse, que lhe fizesse sentir o peso da verdadeira sciencia; que elle bem sabe a differença que vae dos cirurgiões *romanistas* aos *latinistas.* — Antonio Ferreira concordou...

— Mas em que, em que é que concordou Antonio Ferreira? — perguntou Margarida batendo o pé com impaciencia.

— Em que era preciso estudar a doença.

— E que concluiram, depois de passarem exame á ferida? — interrompeu Fr. Pedro de Sousa, a quem as digressões scientificas do licenciado causavam tambem uma grande impaciencia.

— Direi a verdade a V. R., a verdade como a deve dizer sempre um homem da minha profissão, e que conhece, como eu, os segredos da natureza. Reconhecemos que o doente tem uma ferida no peito; e, depois de lhe fazermos a *emborcação*, pondo o doente de bruços, e de termos empregado a tenta de chumbo, viemos no conhecimento de que a ferida é penetrante. Ora, como diz Falopio: *Sciendum enim est, quód vulnera hæc Thoracis maximé Medicum decipere possunt.*

— Não tem cura? responda, responda-me. Jezus! que homem! — bradou a Calcanhares interrompendo-o.

— O peito é a cavidade vital, e as feridas alli são perigosas: *Quia in ea est cor vitæ principium, vitalis spiritus origo, respirationis autor.* Acham-se aqui o coração, os bofes, a vea cava, a arteria magna, a aspera arteria etc. e, se qualquer destes orgãos é ferido, a vida...

— Francisco d'Albuquerque foi ferido n'alguma dessas partes?

— Não, não me parece que a ferida seja das mais graves.

Margarida deu um grito de alegria.

— Com tudo — proseguiu o Licenciado — *si sanguis in ventrem præter naturam effunditur, necesse est supurari.* O sangue que caiu na cavidade do peito póde corromper-se, e nesse caso não é facil salvar o enfermo.

— E não será possivel acudir-lhe a tempo para que o sangue se não corrompa?

— *Curatio est rei præsentis, ejus autem, quód futurum est, providentia*, como diz Galeno. No caso de apparecer corrupção, a sua cura, é dar saída aos principios venenosos, dilatando a ferida, fazendo emborcação conveniente, e lavando com lavatorio abstersivo.

A Calcanhares soffocada de raiva, anciosa, n'uma convulsão, lançou-se outra vez sobre o sofá, donde se tinha levantado, perdida a esperança de poder concluir nada, ácerca do estado do seu amante, das palavras obscuras e linguagem pedantesca do medico de Sua Alteza. Este proseguiu na sua dissertação.

— A sciencia dá-nos meios para combater o mal em todos os periodos — disse elle. — Tirar o sangue é o principal remedio neste caso, por que: *si totum pectus sanguine impleatur, animal illico extinguitur.*

— Nós temos confiança no seu muito saber — atalhou Fr. Pedro; — e por isso quizeramos ouvir a sua opinião a respeito do estado em que se acha o capitão Francisco d'Albuquerque.

— A ferida, como já tive a honra de dizer a V. R., não é das menos perigosas, porque a pleura se acha offendida: *Ex cujus inflamatione sæpe mors sequi solet.* É porém possivel que a applicação dos convenientes medicamentos, do oleo de oiro, de pannos de clara de ovo, etc., chame á parte lesada o *rocio nutrimental*, que une, pelo meio que Guido chama homogeneo, as partes que o ferro separou.

— Permitta Deus, nosso Senhor, que assim seja, para descanço... de quantos nos interessamos na sua vida — disse o Frade. — Para outra coisa lhe queriamos tambem fallar, Sr. Licenciado. Não sei se o criado do Conde, de meu sobrinho, se Agostinho Nunes lhe disse... se lhe fallou...

— No dezejo que tem D. Margarida de ir vêr o capitão...

— É seu parente, um parente muito chegado. *Necessitas amicum probat*, como diz o sabio: e Margarida quer ao menos consolar o pobre capitão na dor, e...

— Tem rasão — respondeu Antonio do Prado, meneando a cabeça, como quem quer mostrar que as palavras que diz tem dupla significação: — D. Margarida tem razão em querer consolar os afflictos; é de uma alma bem formada. Sua Alteza não póde oppor-se...

— Sua Alteza não deve saber nada a este respeito. Nem o Sr. Infante, nem ninguem. Porque v. m., bem vê, que se El-Rei desconfiasse... — *Leo rugiet, quis non timebit?* — Se El-Rei desconfiasse levaria a mal talvez...

— O Conde e eu, Sr. Licenciado, temos con-

fiança na sua muita prudencia e discrição. E é tal a estima e amizade sincera que meu sobrinho tem por v. m. Sr. Licenciado, apesar de o vêr ligado com os seus inimigos...

— Eu não sou dos inimigos do Sr. Conde de Castello-Melhor: sou pelo contrario...

— Todos o conhecemos — interrompeu o Frade pondo-lhe a mão no hombro. — E como eu ía dizendo, meu sobrinho tem tal estima por v. m. que talvez seja possivel obter o logar de cirurgião do Hospital Real...

— Para mim?

— Elle já está promettido a Antonio Ferreira, mas... a bondade com que El-Rei se digna tractar meu sobrinho... Para outra vez fallaremos deste negocio; agora temos que combinar o modo...

— De D. Margarida entrar no Corte-Real?

— É possivel, será possivel que eu o veja?! — exclamou a Calcanhares levantando-se.

— É facil... isto é, talvez não seja difficil.

— Hoje?

— Hoje talvez não; mas ámanhã, ámanhã á noite de certo.

— Não póde ser hoje! — murmurou Margarida.

— Não póde; porque este acontecimento fez na caza de Sua Alteza grande abalo, tudo está alvorotado e poderiam vêr, poder-se-hia saber tudo.

— Não estás satisfeita ainda, Margarida? — perguntou Fr. Pedro á Calcanhares, com voz branda e affavel.

— Não, V. R. bem vê que o não posso estar.

— Tens razão; mas é preciso ter paciencia. Ámanhã Antonio do Prado te virá buscar...

— De manhã?

— A esta hora — respondeu o Licenciado: — um pouco mais tarde do que esta hora. Só de noite é que v. m. póde entrar em caza do Sr. Infante, sem causar desconfiança.

E pondo-se de pé o Licenciado Antonio do Prado encaminhou-se para a porta.

— Até amanhã, D. Margarida — disse elle fazendo uma reverencia. — Não se esqueça V. R. de que o lugar de Cirurgião do Hospital Real está ainda vago — proseguiu elle voltando-se para o confessor de El-Rei; — e de que ninguem... poucos se tem dado como eu, ao estudo da verdadeira sciencia.

— Nem eu, nem o Conde desconhecemos o seu merecimento, Sr. Licenciado — respondeu Fr. Pedro.

— Este homem não é bom disse — Margarida quando o medico de Sua Alteza sahiu: — não tem coração, não tem alma, não sente...

— Devemos ser indulgentes com as fraquezas do proximo — atalhou o Frade. — Todos os medicos são assim.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

LEMBRAS-TE?

Nessun maggiore dolore
Che ricordar-se del tempo felice
Nella miseria...

Dante.

454 Lembras-te..... frouxa expirava
Aquella doce harmonia,
Que em nossas almas entrava
De uma luz tão resplendente:
Teu limpido olhar brilhava,
Como a d'aurora nascente,
E aurora gentil sorria
No azul céu de teus olhos,
Para raiar entre flores,
Fragantes, e sem abrolhos.

Quando mais tenue partiu
A cadencia saudosa,
Tua bocca proferiu
Não sei que cortadas fallas,
Que o ouvido não sentiu,
Porque vieste graval-as,
Com a voz do céu no peito,
Que a ti rendido, e sujeito
Anhelando t'as ouviu.

Ao proferil-as — dormente,
O teu olhar descaíra;
E em teu pálido semblante,
A expressão se reflectíra
Dos affectos, que a fitavam.
A tua alma nesse instante,
Ai! nesse instante do céu
Que á terra breve fugíra,
Que a elle inteiro volveu.

No horisonte estremeciam,
Ebrias de amor, as estrellas,
E teus olhos se fitavam
Na luz scintillante dellas:
É que no céu procuravam
O eterno d'aquelle instante,
Que na terra presentiam,
Que passaria inconstante.

O albor da nascente aurora,
Que no horisonte assomára,
Das estrellas desmaiára
A viva luz, — e ainda agora
Tenho impressa n'alma, — querida,
A expressão, com que me olhaste,
Apontando para ella,
E que essa aurora tão bella
Não brilhava mais na vida.

R. A. DE BULHÃO PATO.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XI.

A Politica de Toucador.

(Continuado de pag. 335.)

455 Como por um daquelles admiraveis contrastes, que muitas vezes se realisam no mundo, a um canto deste gabinete percebia-se um grupo gracioso, que parecia totalmente estranho a tudo quanto se passava.

Eram dois mancebos, ainda na flôr da vida, suavemente embebidos n'uma mutua adoração, e que disiam um ao outro essas palavras sem sentido para o vulgo, e que o gesto, e a voz dos amantes tornam deliciosas e inspiradas.

A donzella era uma dessas apparições encantadas, aonde a graça se combina com a energia, aonde tudo o que existe nellas de ideal, e de divino, se tempera, e se transforma pela irradiacção regular, e voluptuosa das fórmas physicas.

A cabeça, pendida e inclinada sobre o corpo elevado, e esbelto, dava idéa d'uma dessas flôres, abundantes de seiva, e plenamente desabrochadas, que fazem vergar a haste com o peso dos seus thesoiros, e a riqueza do seu perfume. Dotada dessa pallidez morena, que é a verdadeira formosura das mulheres do meio-dia, as ondulações do seu cabello negro deixavam sobresaír o azul das veias, no tecido transparente da sua pelle assetinada. Os olhos pretos, e delicadamente fendidos, umas vezes desferiam um olhar limpido e candido, outras vezes, e quando o rubor lhe subia em ondas appressadas pelo seio palpitante, ficavam humidos, e affogueados, como os da odalisca, que arde em desejos, nos climas abrasados do Oriente. Era a lucta eterna, em que se empenha o coração humano, representada nas variações do gesto tão rapidas e espontaneas nos primeiros annos. As expansões serenas de uma consciencia innocente e tranquilla, e os presentimentos ardentes d'uma organisação exaltada, e sensual.

A sua estatura não desmentia os dados da sua phisionomia, como se a natureza quizesse completar até ao fim as deducções mysteriosas do seu pensamento. Era flexivel e elegante, magestosa e ao mesmo tempo languida. O cinto mal podia suppor-se, que sustivesse essas fórmas deliciosas, e mimosamente esboçadas, mas cujos contornos arredondados e cheios, denunciavão a estação da vida, em que o sangue pulsa insoffrido nas veias, e amadurece rapidamente os impulsos mal distinctos, que palpitam nos seios anciosos de donzella. Era como o calis estreito e tenue de uma flôr robusta, que a sustenta, e se inclina com ella, quando a brisa a refresca, quando o vento a açouta, quando a tempestade a ameaça.

O mancebo, que teria mais oito ou dez annos, com o rosto assombrado de uma barba pouco espessa ainda, era um typo delicado, e quasi infantil, que denunciava, desde logo, que o seu berço fôra embalado entre as meiguices de uma ternura previdente, e entre as lagrimas de uma sensibilidade pressurosa, e de um amor estremecido.

Par ditoso e enlevado nas delicias do seu destino, noivos de dias, que confiavam um ao outro com innocencia e esperança, esses sonhos do futuro, que deslumbram a imaginação da mocidade, e que expiram quasi sempre nas tristes realidades de um desencantamento pungente.

Quando, momentos depois, um criado annunciou a chegada de Mauricio, todas as cabeças se voltaram com importuna curiosidade para a porta, com esse olhar que as féras no circo deviam fitar no gladiador inexperto, que vinha arrostar a sua colera, e expor o corpo nú, ás suas garras insoffridas.

A conversação cessou totalmente. Produziu-se na assembléa esse silencio terrivel que precede quasi sempre as explosões da paixão, ou as crises da naturesa.

E todavia, nunca aquella phisionomia annunciara mais altiva expressão de segurança desdenhosa, e de desleixo provocador. Saudou a todos com uma leve inclinação de cabeça, e tomou logar ao pé da Viscondessa, sem que fingisse perceber a attitude constrangida dos circumstantes.

Mas quando os seus olhos se dirigiram para o logar aonde estavam os dois mancebos, uma pallidez subita veio cubrir-lhe as faces, e os seus labios reprimiram a custo, uma exclamação de angustia. É que aquella mulher, que elle adorara, de longe, com um amor tão vehemente, que elle vira ajoelhada n'um altar, confiando a Deus os segredos do seu espirito, que elle entrevêra, n'uma noite de duvidas, e de delicias, entregando aos eccos adormecidos as harmonias da sua alma, era a mesma que escutava agora, com o olhar e com o sorriso, as palavras d'outro homem, que lia no seu rosto a imagem das emoções que lhe palpitavam no coração, e lhe faziam delirar os sentidos!

Oh! que se o mundo não estivesse alli, juiz implacavel, e cruel, para o condemnar ás affrontas do ridiculo, elle quizera matar-se a seus pés, manchar-lhe com o sangue os vestidos brancos, e como a *Tisbe* de Victor Hugo, sorver no seu ultimo suspiro, um ai de angustia do seu peito, e um olhar piedoso dos seus olhos.

E não se moveu um instante. E calou tudo o que lhe rebentava do peito, em ondas de soffrimento e de dor. Nem lhe tremeu um musculo da face: nem lhe escapou um grito dos labios. Sentiu o sangue affluir-lhe ao coração, sentiu as gottas d'um suor gelado caindo uma por uma, como se lhe marcassem os instantes da agonia, e não desfalleceu.

Depois por uma subita inspiração, levou a mão ao peito, e lacerou-o com as unhas em golpes profundos e desesperados, lembrou-se daquelle horrivel momento, em que Claudio Frollo vê o corpo da Esmeralda entregue ás caricias grosseiras de Phoebus, e que rasga o corpo, para abrandar as cruezas do ciume, com a ponta affiada de um punhal.

A Viscondessa já restaurada da subita emoção, que lhe causara Mauricio, e da impressão de susto que tivera com a intrepidez da sua entrada, julgou que succumbira, ao aspecto daquelle acolhimento glacial, e resolveu infamal-o aos olhos de toda a sociedade.

— Saber-me-ha explicar — perguntou ella com uma intonacção insolente e injuriosa — a razão porque se appresenta em minha casa, depois de me escrever uma carta atrevida?

Mauricio estremeceu, como se lhe houvessem tocado com um ferro em brasa. Ao principio, a voz ficou-lhe presa na garganta, e deixou cahir a cabeça fulminada por um novo golpe. O Barão quiz completar a victoria, e accrescentou com um modo grosseiro: — É bem ingrato, e presumido quem regeita um favor acima do seu merecimento!

Era de mais. A colera fel-o erguer de um pulo em pé, como impellido por uma mola invisivel. Lançou um olhar dominador, antes de responder, depois apontando para o Barão:

— É simples o motivo da minha recusa. Eu não queria acceitar a dadiva de um tolo, sollicitada pela bocca de uma mulher infame!.. e apontou para a Viscondessa.

Antes de volverem do espanto, causado por uma phrase tão insolita n'uma sala, já Mauricio havia desapparecido.

— Está doido! — doido varrido! bradaram a uma voz, os comparsas e actores deste drama passado ao fogão.

Dizer as verdades, em voz alta, faltando ás conveniencias, quando se está isolado no mundo, era uma coisa de tal modo extraordinaria, que Mauricio passou, como um homem alienado... Mais de uns olhos, se lhe dirigiram piedosamente depois, quando elle passava na rua, sosinho, triste, e devorado de miseria.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

DESCOBERTA DE LADRÕES.

456 Por suspeitas bem fundadas de que n'uma casa defronte do Limoeiro se ajuntavam ladrões, fez-se-lhe cerco em a noite de 16; foram capturados quatro e duas mulheres; um delles, cabeça da quadrilha, é soldado, desertor de infantaria n.º 6. No dia immediato deu-se busca na referida casa, e n'outras duas sitas na travessa da Horta da Cêra, e na travessa das Vaccas, que trazia de renda o mesmo desertor. Acharam-se duas gazuas, e grande quantidade de objectos roubados, do que se lavraram os competentes termos, que foram entregues com os roubos aos Juizes do Correccional do 1.º e 2.º Districto. Appareceram os objectos furtados desde agosto do anno passado, e que pertencem a 18 familias, montando ao valor de dois contos de réis. Tributamos os devidos elogios á policia preventiva, que assim desfez aquelles covis de ratoneiros. O poder judicial sem duvida achará mais cumplices. — Affirma-se que uma mulher, de nação alemã, era a receptadora e passadora dos roubos.

MOEDA FALSA.

457 Nos entulhos de uns pardieiros á Costa do Castello descobriram-se perto de 200$000 réis em moedas falsas, de 500 réis e 1$000 réis, cruzados novos, patacas hispanholas, e até moedas de 60 réis. Suppoem-se terem sido fabricadas dentro da cadêa, e que as mulheres de alguns presos que as conservavam em seu poder, para as fazerem circular a pouco e pouco, receosas das buscas policiaes foram deital-as no indicado sitio. Cumpre advertir, que não obstante apprehender-se uma grande porção, algumas dessas moedas falsas andarão por fóra em consequencia de as levarem os rapazes, que appareceram alli antes das auctoridades.

INSTRUCÇÃO PUBLICA EM ANGOLA.

458 A estatistica publicada no *Boletim Official* desta provincia de 12 de janeiro ultimo, appresenta o numero de alumnos que frequentaram as aulas publicas em Julho de 1849; a saber:

	Naturaes.	*Europeus.*	*Total.*
Em Loanda — Aula de Grammatica Latina	8	»	8
» — Dita de Instrucção Primaria	81	7	88
» — Dita de Meninas	4	3	7
Benguella — Dita de Instrucção Primaria	53	1	54
S. José d'Encoge — Dita »	25	»	25
Duque de Bragança — Dita »	56	»	56
Muxima — Dita »	40	»	40
Calumbo — Dita »	10	»	10
Total dos discipulos			288

TRIUMPHO DRAMATICO.

459 O *Toussaint-Louverture*, drama de M. de Lamartine, obteve no dia 6 do corrente no theatro da Porte Saint-Martin uma dessas victoriosas acceitações que ficam consignadas nos fastos da scena. — «A poesia, (diz um jornal noticiador) egual a quanto M. de Lamartine tem escripto mais perfeito e mais sublime, a magestade dos caracteres, a novidade das situações, tudo, até as inexperiencias dramaticas da peça, foi comprehendido e applaudido na casa atulhada de gente, cujo enthusiasmo não vacillou nem afrouxou um só instante. O nome do auctor foi victoriado á uma e meia hora da manhã com uma salva de applausos.

CADAVER PETRIFICADO.

460 O *Republican* de Hudson (estado do Mississipi na União Americana) refere o seguinte caso raro no seu n.º de 25 de Fevereiro ultimo.

« Um cadaver que fôra dado á sepultura haverá cinco ou seis annos, foi desenterrado ha poucos dias para ser trasladado a outro logar; careceu-se de empregar seis homens para extrahir da cova o caixão, por consequencia causou notavel assombro tão extraordinario pezo; ao abrir do caixão, em vez de ossos descarnados achou-se um corpo quasi completamente petrificado, pois que não o estava uma parte dos dedos. — Eis um novo problema, cuja solução incumbe aos homens da sciencia.

GAZ DE INVENÇÃO NOVA.

461 Consta que um cavalheiro de Baltimore descobríra o modo de extrahir o gaz hydro-carbonico por um processo summamente singelo e economico, que attrahíu a geral attenção: um dos apparelhos de sua invenção foi assentado no *hotel* nacional em Washington, e collocado outro na officina do *Baltimore Clipper* em Baltimore, appresentando qualquer delles satisfatorios resultados. O complexo do aparelho, incluindo gazometro, tubos &.ª custa 600 pezos fortes hispanhoes, e apenas occupa o espaço de 20 pés quadrados. O gaz, por este novo processo, extrahe-se da resina e da agua. Quanto ao brilho e boa qualidade da luz, diz-se que excede o gaz que fornecem as companhias, que na actualidade tem monopolio deste fluido, com a vantagem de custar a duodecima parte do preço do que ao presente se consome.

PHENOMENO DE VEGETAÇÃO.

462 Poucos annos ha que foram importados do Egypto para Hispanha alguns bagos de trigo, que segundo os calculadores chronologos não contavam menos de vinte e quatro seculos, tendo sido achados por um viajante dentro de um Sarcophago egypcio no acto de sua primeira abertura. Um lavrador da Catalunha, a quem presentearam com tres daquelles grãos, teve a lembrança de semear um em terreno appropriado. Este grão unico produziu no primeiro anno quinze se-

pigas com 1600 grãos extraordinariamente refeitos, á vista do que o nosso trigo commum releva mui consideravel degeneração. Por consequencia não é de estranhar que em eras remotas o Egypto podesse, com a sobra de suas colheitas, prover simultaneamente a Assyria, a Grecia, e o imperio romano. — O mesmo lavrador semeou no anno passado (1849) um bago de trigo procedente da China, cuja producção esteve bem longe de dar tão satisfatorio resultado como o grão de trigo egypcio.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 24 de Abril.

463 Fundos publicos de 5 por cento com os juros pagos 50 a 51. — Acções do Banco de Portugal 410$000 a 425$000 rs. — Desconto de Notas, 530 a 550 por moeda.

464 Cereaes em 24 de Abril.

Trigo do reino rijo . . .	de 320 a 400	réis	a	bordo.
» » molle .	de 380 a 420	»		»
» da ilha.	de 300 a 320	»		»
Milho do reino.	de 220 a 230	»		»
» da ilha.	de 190 a 200	»		»
Cevada do reino.	de 180 a 190	»		»
» da ilha	de 160 a 170	»		»
Centeio do reino	de 220 a 225	»		»

Estado do mercado, em 24 de Abril.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Não tem havido vendas.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$500 a 1$600 rs., dito velho 1$350 a 1$450 rs., — Do Rio dito 1$300 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$350 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 900 a 1$050 rs. — O mercado continúa a conservar-se firme, tendo-se effectuado mui pequenas vendas para o consumo.

Cacáu 1$750 a 1$800 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Caffé do Rio. — Não ha.

Cêra de Angola B. 268 a 270 rs. — Dita A. 258 a 260 rs. — Effectuaram-se algumas vendas para embarque.

Marfim de lei 1$100 a 1$300 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Realisaram-se algumas vendas para reexportar.

Urzella 6$400 a 6$500 rs. — Tem-se effectuado algumas vendas para embarque.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

465 *Londres*, 16 de Abril. — Consolidados inglezes ficavam a 95½ e 95⅝. — Os 5% portuguezes a 32½ e 33.

Paris, 15 — Os 5% ficaram a 88 fr. 50 centimos: Acções do banco, 2165 francos.

Madrid, 16 — Titulos de 3% a 29 15/16 papel.

Ditos de 4, a 13¼ dito.

Ditos de 3, a 13¾ dito.

Coupons não capitalisados 8¼ dito.

As acções do banco de S. Fernando foram procuradas a 81%, dinheiro á vista.

BIBLIOGRAPHIA.

LIÇÕES DE CHIMICA GERAL, E SUAS PRINCIPAES APPLICAÇÕES — por *Julio Maximo de Oliveira Pimentel*, Lente de Chimica na Eschóla Polytechnica, Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

CURSO D'INTRODUCÇÃO Á HISTORIA NATURAL DOS TRES REINOS — por *José Maria Latino Coelho*, Lente da Eschóla Polytechnica.

466 Acha-se impresso, completo e á venda o primeiro volume do tratado de chimica do Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel. As esperanças, que por outra occasião e n'outro logar deposemos sobre o esmero com que havia de sahir esta publicação das mãos do illustre Professor, estão realisadas neste primeiro tomo com uma profusão de zelo e de sciencia, que justificam plenamente o favor com que é acolhido pelo publico.

Este livro vem encher uma lacuna que existia na nossa instrucção secundaria. O Tratado de Mouzinho de Albuquerque, bom para o seu tempo, acha-se hoje deficiente em mais de uma materia, e mal podia servir para o ensino publico. A sciencia tem caminhado, nestes ultimos trinta annos, a passos de gigante; e a chimica especialmente tem feito progressos espantosos. Alem da simplificação dos methodos, da modificação da maior parte dos processos, das novas e importantes applicações á industria, á agricultura, ás artes, a propria theoria, que muitos julgaram inabalavel, foi refundida, e alterada por modo, que já não é possivel contentarmo-nos com a simplicidade dos primeiros reformadores. O estudo mais profundo da chimica mineral, a prodigiosa extensão de chimica organica conduziram insensivelmente os espiritos para este resultado imprevisto.

Se entre nós tivesse havido maior dedicação pela cultura das sciencias, se causas que não são para este momento de analysar e commentar, não estivessem influindo e pesando ainda perniciosamente sobre a instrucção geral; se uma administração sollicita e providente houvesse zelado com primor os interesses da sociedade, que tão cegamente lhe são confiados; de ha muito tivera desapparecido a lacuna, que acima fizemos sentir, e que hoje, não sem sacrificios, podemos affiança-lo, vai preenchendo o illustre Professor da Eschóla Polytechnica.

Alem desta grande sollicitude pela instrucção do povo, que é um dever imprescriptivel de todos os bons governos, ainda outro motivo mais directo, mais economico devia levar o nosso a prestar maior attenção

ao estudo da chimica geral e especial. Esta nação vive essencialmente da agricultura; nasceu para ella, é da sua prosperidade que lhe ha-de vir o seu engrandecimento. Agora correi, attravessai o paiz em todas as direcções; e vereis, aqui terrenos magnificos, abandonados e incultos por falta de braços, ou por ignorancia das culturas alternadas: alem baldios despovoados, jardim selvagem de çarças e de urzes; logo sequeiros extensos sem um pé de vegetação; adiante pantanos infectos, fóco de miasmas para todas as cercanias. E sobre essa pouca e definhada cultura que fordes encontrando, a mão do fisco a segar e respigar, como velha malcreada e veseira de maleficios. Entrai então na choupana coberta de colmo, e exaltai ás pessoas que lá achardes as maravilhas da vossa importante civilisação; o rude camponez virar-vos-ha as costas, como vós o fazeis ás mais simples indicações dos interesses do paiz. Estudai por ultimo os preconceitos da rutina, que se apoia obstinadamente em toda a uzança velha, e tereis em breve quadro o estado da nossa agricultura.

É hoje opinião assentada entre os que melhor tem estudado o problema da nova situação mesquinha, que só com um impulso forte e decidido á agricultura pode surgir esta nação do seu abysmo de miseria. Prolongar por mais tempo o remedio é tornar o mal insanavel. O frenesi da emigração vai cortando os braços ao trafego dos campos; os salarios sobem; os capitaes, attrahidos pela perspectiva de maiores lucros atiram-se como cegos á torrente da agiotagem. Isto é evidente; e ninguem trata de melhorar tão pessimas condições.

Ensino agricola não o temos, nem lembra similhante coisa. O que se tem feito n'algumas partes, o que já agora terá de fazer-se, em beneficio da agricultura, deve-lo-ha o paiz aos esforços particulares.

Como no resto, esperar alguma coisa nesta terra da acção intelligente e proveitosa do Governo, é desconhecer as circumstancias em que elle ordinariamente se colloca, relativamente ás conveniencias e necessidades do paiz. Abstemo-nos do direito de censura, mas deploramos amargamente, que assim nos obriguem a pensar.

Não é só a agricultura, que demanda como preparatorio indispensavel para os seus melhoramentos, o ensino especial da chimica: a nossa industria nascente não poderá nunca florescer, em quanto os conhecimentos chimicos não estiverem derramados nas classes industriaes. Rara será a fabrica ou manufactura, que possa dispensal-os.

O Governo que tanta predilecção parece mostrar por estes novos interesses, sustentando o regime economico de uma quasi prohibição, devêra tambem irlhes fornecendo os elementos, com que em proximo futuro podessem deixar de pesar sobre o paiz para entrarem no direito commum.

A industria tem de jazer n'um verdadeiro parasitismo, em quanto não existir o ensino technologico.

Ora em Lisboa, no centro, no foco natural das lettras e das artes, apenas ha uma cadeira de chimica. « No unico estabelecimento onde se ensina a chimica, — a Eschola Polytechnica, — diz o Sr. Julio Pimentel, manda a lei que se professe n'uma só cadeira, e n'um só anno — Chimica Geral com as noções das suas principaes applicações ás artes — dividindo além disto o curso em duas partes, uma em que se deve ensinar a chimica elementarmente, e a outra em que se devem tractar com mais extensão e desenvolvimento as doutrinas de maior interesse. Quem conhece o estado actual da sciencia deve perceber quanto este curso será deficiente. Hoje o estudo da chimica geral, para se não dizer muito incompleto, deve abranger mais de uma cadeira e mais de um anno: e as noções de chimica technologica limitando-se mesmo ás que interessam a nossa industria, são vasto objecto para serem tratados em curso especial. »

Assim pois, só as noções precisas para a nossa diminuta industria, já na opinião do sabio Professor necessitariam uma cadeira especial. Por aqui se vê que não são de modo algum exaggeradas as reflexões que deixamos expostas sobre a deficiencia dos estudos chimicos em Portugal. O estudo peculiar que o Sr. Julio Pimentel nos consta haver feito da nossa industria, imprime ás suas palavras uma auctoridade incontestavel.

Para obviar em parte essa deficiencia na instrucção geral, e acudir com algumas noções escriptas ás pessoas que reclamam e dezejam aquelles estudos especiaes, é que o Professor da Polytechica se deliberou a redigir as suas licções oraes, e a publica-las de forma, que ao mesmo tempo servissem de compendio aos alumnos, e de guia ou manual aos que tendo já estudado, quizessem recordar ou applicar os conhecimentos apprendidos nas eschólas. O primeiro volume, de que damos noticia, corresponde perfeitamente ao plano traçado pelo sabio Professor. O Sr. Julio tem ainda o grande merecimento de publicar um tractado de chimica o mais em harmonia com os conhecimentos modernos, de que havemos conhecimento. O de Framy e e Pelouze, o de Regnault, já se não podem comparar com o do Sr. Julio Pimentel a similhante respeito. O sabio Professor ao passo que, vae publicando as folhas da sua obra, assim vae intercallando os trabalhos actuaes, que lhe parecem de interesse immediato. Esta preocupação, este esmero sollicito pela perfeição da sua obra, não só a releva, mas imprime-lhe um certo cunho de novidade, digno dos mais sinceros elogios. Por nossa parte aqui lhos tributamos desinteressados e conscienciosos, por que sempre foi de nosso gosto render o devido culto á sciencia e ao talento.

Já que estamos em hora de acção de graças, consinta o leitor da REVISTA, que em nome da instrucção popular agradeçamos ao Sr. José Maria Latino Coelho a publicação do seu Curso de Introdução á historia natural. N'uma centena de paginas, que em hora e meia de leitura será facil de percorrer, o joven Professor da Eschóla Polythenica pôde encerrar todas as definições e noções geraes da historia da naturesa, com uma concisão e verdade taes, que fazem do seu livrinho um utilissimo memorial para o alumno que frequenta as aulas, e para o sabio que estuda no gabinete.

O Curso divide-se naturalmente em duas partes — a primeira, contendo as definições geraes; a segunda tractando especialmente, mas em resumo, da Geologia e Mineralogia. Esta é incontestavelmente superior á outra. Se o illustre professor lhe tivesse dado

mais alguma extensão, estamos que maior serviço houvera feito á sciencia, e á instrucção.

Mais e melhor que ninguem sabe o erudicto professor da Eschola Polytechnica, como a Geologia e Mineralogia são pouco estudadas em Portugal, quam util e proveitoso fôra um compendio sobre estas sciencias. A facilidade de trabalho que todos lhe reconhecem, o seu prodigioso talento, os conhecimentos que tem adquirido na pratica do magisterio, como que lhe impoem a obrigação de satisfazer este desejo geralmente sentido.

A elevada posição que o Sr. Latino Coelho já occupa na nossa litteratura, a sciencia a que se dedica especialmente, e em que é peritissimo, estam-no por assim dizer, chamando para mais vastos campos, e certamente lhe reservam um galardão condigno áquelle, que abriu o seio da Academia das Sciencias ao seu collega o Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

DR. THOMAZ DE CARVALHO.

SUPPOSIÇÕES QUE PODEM SER REALIDADES.

Collecção de romances originaes por Luiz Filippe Leite.

Pedimos o favor publico para a publicação, cujo prospecto abaixo damos. O seu auctor é um mancebo muito estudioso e de esperanças. Animal-o no comêço da sua carreira é impôr-lhe o preceito do estudo e da applicação.

No meio desse *mare magnum* de traducções parvas de alguns parvos romances, apparecer um mancebo a compor uma obra é um successo que devemos saudar com enthusiasmo: é o que sempre temos feito e continuaremos a fazer quando virmos que as suas obras, ou que os antecedentes, e a applicação do auctor o merecerem.

O auctor da presente obra tem-se dedicado com afinco ao estudo da nossa bella lingua, e esperamos que as suas obrss hão de condizer com aquelle estudo.

F. B.

---

467 Pugnar pelos melhoramentos do paiz que habitamos, e marcar alguns dos escolhos da vida, a que frequentemente está sujeita a inexperiencia, foi o empenho a que nos propozemos debaixo do modesto titulo de — SUPPOSIÇÕES QUE PODEM SER REALIDADES. Era necessario amenisar estas verdades: convertemol-as pois n'uma collecção de Romances, singellos sim, porem vernaculos e locaes.

Subscreve-se —

Ponta Delgada — na typographia da rua das Artes, e em casa dos Srs. Cardozo, Francisco Henriques, George Hays, e Wilson. — Angra — na loja do Sr. Manuel Ignacio Cardozo. — Horta — em casa do Sr. Manuel Maria Madruga de Bettencourt. — Lisboa — na loja do Sr. Lavado rua Augusta n.º 8. — Preço nos Açôres: 360 réis, avulso 480 réis. Em Portugal 280, avulso 320 réis.

POESIAS DE D. LUIZ RIVERA

UM VOLUME EM 8.º NITIDAMENTE IMPRESSO

POR ASSIGNATURA 240 R.s

Com o presente n.º se distribue pelos nossos assignantes o prospecto para a proxima publicação das **POESIAS** do Sr. D. LUIZ RIVERA, poeta hispanhol, já bem conhecido dos nossos leitores.

A publicação far-se-ha dentro de poucos dias. Recommendamos aos nossos assignantes este volume, não só pelo seu verdadeiro merito litterario; mas por ser obra de um estrangeiro, a quem é sempre devida a melhor hospedagem. Rogamos a restituição do prospecto aos nossos assignantes de Lisboa na proxima quinta feira, ou seja com a sua assignatura ou sem ella. Os nossos assignantes das provincias podem receber este volume sem despesa de porte, remettendo a sua importancia juntamente com a assignatura da REVISTA.